UC/FPCE_2008

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Jovens Adultos e Famílias: percepção do *coping* e qualidade de vida familiar. Um estudo exploratório.

Paula Maria Dinis dos Reis (paulamdreis@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado na Área de especialização em Psicologia Clínica e Saúde, Subárea de especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Madalena Lourenço

Jovens Adultos e Famílias: percepção do *coping* e qualidade de vida familiar. Um estudo exploratório.

Resumo

O presente estudo exploratório pretende avaliar as eventuais relações existentes entre as variáveis género, idade, meio de residência, habilitações literárias, nível socio-económico e religião, e a forma como o jovem adulto percepciona a qualidade de vida familiar e as estratégias de *coping* familiares. A recolha de dados realizou-se através de entrevistas individuais e estruturadas, tendo como suporte dois questionários, nomeadamente o *Qualidade de Vida* e as *Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família* (F-COPES). Os resultados não mostraram influência das variáveis idade, habilitações literárias e nível socio-económico no que respeita às estratégias de *coping* utilizadas pelos jovens adultos deste estudo. Pelo contrário, as variáveis género, meio de residência e religião parecem influenciar essas mesmas estratégias. Relativamente à percepção da qualidade de vida familiar, das variáveis em estudo apenas o nível socio-económico parece não a influenciar.

Este estudo poderá ser um importante ponto de partida para futuras investigações sobre o modo como os jovens adultos percepcionam o *coping* e a qualidade de vida familiar.

Palavras chave: jovem adulto, *coping* familiar, qualidade de vida familiar.

Young Adults and Families: perception of coping and family quality of live. An exploratory study.

Abstract

The present exploratory study pretends to evaluate the eventual existence of relations between variables gender, age, means of residency, academic formation, socioeconomic status and religion, and the way that the young adults forsee the family quality of life and the family *coping* strategies. All these subjects answered two questionnaires, namely the *Qualidade de Vida* and the *Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família* (F-COPES). The results did not show the influence of the variables age, academic formation and socioeconomical status regarding the strategies of coping used by the young adults of this study. Nevertheless, the variables gender, means of residency and religion seem to influence those same strategies. Relatively to the perception of family life quality, of the variables studied only the socioeconomical status seems not to influence.

This study could be an important starting point for future investigations about the way how young adults perceive *coping* and the family quality of live.

Key Words: young adult, family *coping*, family quality of life.

Agradecimentos

À Doutora Madalena Lourenço e à Doutora Isabel Alberto, pela dedicação, apoio, exigência e oportunidade de crescimento.

À minha família, pela confiança e ânimo sempre manifestados ao longo destes meses.

À Tânia e à Vanessa, pelo apoio e força que me transmitiram e me ajudaram a seguir em frente, mesmo nos momentos de maior fragilidade. Um agradecimento especial à Tânia, pelo sorriso e disponibilidade com que respondeu a cada “dúvida estatística”.

Ao Sérgio, pela paciência com que aturou cada birra minha e pelo colo dado quando as forças para enfrentar este percurso falhavam.

Obrigada!

Índice

Introdução **1**

I – Enquadramento conceptual **1**

II - Objectivos **10**

III - Metodologia **11**

3.1 Critérios de amostragem *11*

3.2 Recolha da amostra *12*

3.3 Caracterização da amostra *12*

3.4 Instrumentos *14*

Questionário socio-demográfico 14

Ficha de dados complementares 15

Qualidade de Vida 16

Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) 17

IV – Resultados **19**

Qualidade de Vida *19*

F-COPES *28*

V – Discussão **33**

Limitações do estudo e propostas para futuras investigações: *38*

Conclusões **38**

Bibliografia **40**

Anexos **43**

Introdução

A entrada na vida adulta é um verdadeiro ponto de viragem, no qual o jovem adulto se confronta com importantes decisões e empreendimentos de vida: a ida para a Universidade, a entrada no mercado de trabalho, o casamento e a parentalidade. Esta etapa é crucial tanto para o jovem adulto como para a sua família, uma vez que irá obrigar a reorganizações e adaptações em toda a dinâmica familiar.

Assim, tentando perceber a forma como o jovem adulto percepciona as estratégias de *coping* familiares e a qualidade de vida familiar, analisamos as possíveis relações entre as diversas variáveis género, idade, meio de residência, habilitações literárias, nível socio-económico e religião.

O nosso estudo baseia-se numa amostra de 44 sujeitos, com idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos. A recolha de dados realizou-se tendo como suporte duas escalas: o *Qualidade de Vida* (NUSIAF – sistémica, Adaptado, 2007; validado em 2008) e o F-COPES, *Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família* (Serra, Firmino, Ramalheira & Canavarro, 1990; validado em 2008). Os resultados não mostraram influência das variáveis idade, habilitações literárias e nível socio-económico no que respeita às estratégias de *coping* utilizadas pelos nossos jovens adultos. Pelo contrário, as variáveis género, meio de residência e religião parecem influenciar essas mesmas estratégias. Relativamente à percepção da qualidade de vida familiar, das variáveis em estudo apenas o nível socio-económico parece não a influenciar.

Face à ausência de estudos sobre o modo como os jovens adultos percepcionam o *coping* familiar e qualidade de vida familiar, este estudo parece-nos um importante ponto de partida para futuras investigações.

I – Enquadramento conceptual

Sendo o objectivo do presente trabalho caracterizar e relacionar a percepção das estratégias de *coping* familiares e a percepção e satisfação com a qualidade de vida familiar vivenciada pelos jovens adultos, numa primeira fase abordaremos os temas que constituem as nossas variáveis dependentes, *coping* e qualidade de vida e, posteriormente, realizaremos uma conceptualização dos principais marcos que sinalizam a entrada na vida adulta.

Mecanismos de *coping*

O *coping* tem sido um conceito largamente estudado, uma vez que sempre existiu um grande interesse em estudar a forma como o indivíduo se

adapta a circunstâncias adversas e os esforços que empreende para lidar com as situações geradoras de *stress*. As estratégias que o indivíduo utiliza para lidar com o *stress* são designadas por estratégias de *coping*, e consistem num conjunto de processos cognitivos, afectivos e comportamentais, que os indivíduos e sistemas familiares realizam para lidarem com as situações de *stress* (Boss, 2002).

Foi sobretudo Lazarus (1985) que desenvolveu o conceito de *coping*, caracterizando-o como uma forma de resolver os problemas que põem em causa o bem-estar da pessoa que experiencia algum tipo de *stress* e não sabe como reagir naquele momento. Assim, o conceito de *coping* surge como "o conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptarem a circunstâncias adversas" (Antoniazzi, Dell'Aglio, & Bandeira, 1998).

O grau de eficácia das estratégias de *coping* está, segundo Serra (1999), condicionado por dois elementos: os recursos que o indivíduo possui e o tipo de problema com que se defronta num determinado momento. Assim, algumas estratégias de *coping* podem ser mais eficazes desde que sejam utilizadas no momento exacto, pela pessoa adequada e considerando o indutor específico do *stress*. Logo, o recurso ou não a estratégias de *coping* e o tipo de estratégias utilizadas está dependente do significado pessoal que o indivíduo atribui, pela avaliação que realiza das realidades que o rodeiam.

No que respeita ao *coping* familiar, Boss (1988) define-o como a capacidade que a família tem para lidar com uma situação geradora de *stress* (*in* Olson & DeFrain, 2003). Para lidar com o *stress*, o sistema familiar irá utilizar processos cognitivos, afectivos e comportamentais. Olson, McCubbin e colaboradores (1983) acrescentam, ainda, que as estratégias de *coping* utilizadas pelas famílias vão sendo criadas e modificadas ao longo do tempo (uma vez que, também a família muda) e irão variar em função do elemento gerador de *stress*. Como estamos num nível familiar, o *coping* é necessariamente mais complexo pois, envolve lidar em simultâneo com diversas dimensões da vida familiar (Olson & DeFrain, 2003).

Nesta etapa da sua vida, o jovem adulto irá vivenciar acontecimentos familiares transicionais, tais como, o casamento ou a parentalidade. Estes exigem uma reorganização e adaptação familiares. Impõem novas responsabilidades, abrem novas oportunidades e colocam novos desafios à unidade familiar (Olson, McCubbin e col., 1983).

Segundo Olson e colaboradores (1993), as famílias em certas fases do ciclo de vida, como aquelas em que é preciso cuidar das crianças, estão mais interessadas em adquirir capacidade de *coping* em programas mais formais, isto é, no seio da sua comunidade.

Assim sendo, o *coping* familiar, mais do que uma resposta aos *stressores*, é visto como um conjunto de interacções dentro da família, tornando-se num processo de aquisição de equilíbrio no sistema familiar, e transacções entre a família e a comunidade (Olson *et al.*, 1983).

Qualidade de vida familiar

Os esforços para medir a qualidade de vida tiveram início na década de 60, espelhando a preocupação com o desenvolvimento da qualidade de vida e bem-estar da população num período de grande desenvolvimento económico.

Assim, a qualidade de vida é um conceito que tem sido largamente estudado, diz respeito ao bem-estar subjectivo e reflecte a discrepância entre as expectativas e a realidade actual do indivíduo, pelo que quanto menor for a discrepância, maior será o grau de bem-estar subjectivo (Cohen *et al.*, 2006).

A qualidade de vida foi definida, pela Organização Mundial de Saúde, como a percepção individual que o sujeito tem relativamente à posição que ocupa na vida, no contexto cultural e de valores em que se insere, tendo como referência os seus objectivos, expectativas, padrões e interesses (Mercier, Péladeu, & Tempier, 1998). A Organização Mundial de Saúde propõe, assim, uma visão global ao abarcar as várias dimensões do ser humano na determinação dos níveis de qualidade de vida de cada indivíduo.

Este é, então, um amplo conceito de classificação, afectado de modo complexo pela saúde física do indivíduo, estado psicológico, relações sociais, nível de independência e pelas suas relações com as características mais relevantes do seu meio ambiente. Assim, para avaliar a qualidade de vida é importante ponderar aspectos relativos aos domínios físico, funcional, psicológico e social do indivíduo (Haan, Aaronson, Limburg, Langton Hewer, & Van Crevel 1993, *in* Martins, Ribeiro, & Garrett, 2004).

Existem, também, algumas evidências, de que a forma como os indivíduos lidam com os acontecimentos indutores de *stress*, e as estratégias de *coping* que usam, podem influenciar o seu bem-estar físico e psicológico, bem como a própria percepção que têm da sua qualidade de vida (Endler & Parker, 1990; Lazarus & Folkman, 1984; McCrae & Costa, 1986, *in* Porter *et al*., 2000).

Transportando isto para a realidade familiar, a percepção da qualidade de vida familiar irá surgir como um importante indicador da saúde das famílias, permitindo, ainda, a prevenção de eventuais perturbações, físicas ou psicológicas, no sistema familiar (Fagulha, Duarte, & Miranda, 2000).

Início da idade adulta

Segundo Zal (1992), o início da idade adulta é um verdadeiro ponto de viragem, um importante momento de transição, no qual os jovens adultos se confrontam com as mais importantes decisões e empreendimentos da vida: o trabalho, a família e o casamento. Segundo Hurlock (1968), “An adult is an individual who as completed his growth and is ready for his status in society with others adults” (*in* Toll, 1975, p.1).

Nesta idade é esperado, segundo Neugarten (1968), que os jovens adultos tenham determinados comportamentos. Seria uma espécie de "relógio social" que governa os comportamentos destes. Assim sendo, é tempo de terminar o curso e casar, tempo de ter o primeiro filho e tempo de começar uma carreira (*in* Toll, 1975).

Já para Carter e McGoldrick (1995), chegado a esta etapa do seu desenvolvimento, o jovem adulto terá que ter adquirido habilidades que lhe permitam a aquisição de um trabalho ou de uma carreira, uma vida independente e o desenvolvimento de amizades estáveis e relacionamentos íntimos. Dois desenvolvimentos subsequentes, o casamento e a paternidade, completam esta etapa do ciclo de vida.

À semelhança de Carter e McGoldrick (1995) também Haley (1991), defende que, nesta idade, e seguindo o percurso evolutivo da maioria das famílias, é esperado que o jovem adulto receba o seu diploma universitário, comece a trabalhar e a ser autónomo. Logo que adquira a sua independência, estará preparado para se casar e construir o seu próprio lar. A saída de casa do jovem adulto, é um importante marco na nossa sociedade que define a passagem è adultez. Esta etapa é, por tudo isto, crucial tanto para o jovem adulto como para a sua família (Haley, 1991).

Relativamente aos limites cronológicos deste período, não há um consenso entre os diversos autores. Zal (1992), define este período dos dezoito aos vinte e nove anos, Havighurst (1972) define entre os dezoito e trinta e cinco anos, Levinson e outros (1986), por sua vez, incluem os dezassete anos e prolongam até aos quarenta anos naquilo que chamam idade adulta intermédia. Neste período, o jovem adulto desenvolverá tarefas que remetem para a autonomia e para a independência, o que incluirá o estabelecimento de um compromisso amoroso e o ingresso numa profissão (Ribeiro, Teixeira, & Pereira, 2006).

Acontecimentos como a entrada na universidade, o estabelecimento de casa própria, a escolha de uma profissão, o casamento e a paternidade são, então, considerados marcos que assinalam a entrada na vida adulta, de modo não mutuamente exclusivo "variando em função das famílias e dos contextos culturais em que inserem, bem como um conjunto de factores específicos a cada situação" (Relvas, 2004, p. 198).

Por tudo isto, o início da idade adulta não pode ser considerado "uma fase de estagnação ou de repouso no que respeita ao desenvolvimento emocional e da personalidade" (Zal, 1992, p. 75). Pelo contrário, será um período em que o jovem adulto começa a trilhar o percurso que pretende percorrer, deixando para trás os sonhos da adolescência e começando a definir o seu projecto de vida, as prioridades e as necessidades que dão sentido a esse percurso. Durante esta jornada os jovens adultos passarão, inevitavelmente, por experiências que serão geradoras de angústia, estas novas vivências e desafios, desenvolverão novos sentidos de independência e de autonomia e, simultaneamente, irão promover a aquisição de novas responsabilidades e de uma nova maturidade emocional e comportamental.

Assim sendo, nesta fase, os jovens adultos preparam-se para sair de casa dos pais e adquirir novos papéis fora da unidade familiar. As tarefas e

regras parentais, por outro lado, estão em mudança e a família está ocupada em "lançar" os filhos para o exterior com sucesso (Olson, McCubbin e col., 1983).

A ida para a Universidade… o primeiro pé fora do ninho

A entrada para a Universidade é um dos marcadores que assinalam a entrada na vida adulta. Embora nem todos os jovens adultos sigam um percurso universitário e tirem um curso, para os que o seguem este é um importante marco. A entrada numa instituição de ensino superior é o momento de confronto entre os sonhos, os planos e os projectos idealizados (Silva, 2003).

Expectativas e desejos são antecipados por filhos e pais, os filhos têm agora a porta aberta para a tão desejada autonomia, permitindo-lhes experimentar as suas potencialidades individuais, deixando o confronto do conhecido para partirem rumo a um mundo do qual pouco conhecem. É um período povoado de desafios, de acréscimo de responsabilidades e de oportunidades de exploração, experimentação e compromisso a vários níveis. Para os pais, "representa uma maior margem de liberdade individual e conjugal e a eventual confirmação ou infirmação do seu sucesso como pais" (Relvas, 2006, p. 198).

A chegada a este novo mundo irá obrigar o jovem adulto a deparar-se com tarefas que até então este considerava como garantidas, tais como, manter a casa limpa, lavar e passar a roupa, pagar contas, administrar o dinheiro que os seus pais lhe dão, entre outras. Quer esteja num apartamento, num quarto de uma pensão ou de uma residência, o jovem adulto terá novas responsabilidades a cumprir (Peel, 2004).

Este novo ambiente, vai proporcionar ao jovem adulto, a par das oportunidades de crescimento, desafios que este deverá enfrentar e resolver adequadamente, para se adaptar às exigências do novo contexto e promover o seu desenvolvimento (Silva, 2003).

Assim sendo, o primeiro ano da universidade não deve ser considerado um mero ano académico, uma vez que, foi ultrapassado um período de transição, "ocorreu uma separação emocional e foi atingindo um novo equilíbrio entre pais e filhos" (Zal, 1992, p. 78).

A entrada para o mercado de trabalho… novas responsabilidades

A escolha de uma profissão é uma decisão fundamental da vida, uma vez que esta é um aspecto fundamental da identidade pessoal; "a ocupação é a base sólida em torno do qual se constrói uma vida" (Zal, 1992, p. 80). Grande parte das nossas vidas está organizada em torno do mundo trabalho e

em torno da nossa posição nesse mundo.

De acordo com Holland (1985), as escolhas profissionais constituem uma expressão da personalidade, dado que os indivíduos procuram cenários profissionais que correspondam ao seu estilo de personalidade. A forma como os jovens respondem às dificuldades, às situações interpessoais e as tarefas que desenvolvem nesses ambientes têm probabilidades de ser parecidas, o que conduzirá, a um desempenho profissional superior e a uma maior satisfação. (*in* Ferreira, 1991; 1993).

No entanto, nos dias de hoje, a escolha de uma profissão não é tão simples como era há uns anos atrás, em que o jovem depois de alcançar a sua formação inicial tinha uma inserção profissional quase imediata. Esperava-se que o jovem adulto, após ter terminado a sua licenciatura, pudesse ter um trabalho, assim, "quando a respeito dos jovens se falava de inserção, o quadro de imagens subjacentes a tal discurso era, então, o dum espaço social com posições sociais simultaneamente disponíveis e adequadas às características de qualificações juvenis" (Esteves, 1995, p.82).

Actualmente, as coisas são um pouco diferentes, a formação inicial é mais longa e é muitas vezes seguida por uma período de espera dominado por incertezas quanto ao futuro no qual poderão existir inserções parciais, provisórias e que podem dar lugar às primeiras experiências (Ribeiro, Teixeira, & Pereira, 2006). O ideal é que o jovem adulto conclua o seu curso universitário e tenha oportunidades para aplicar todos os conhecimentos que adquiriu ao longo deste. Uma vez que esta não é a realidade que vivemos nos dias de hoje, o jovem terá que desenvolver novas formas de lidar com a antecipação da incerteza da transição para o mundo do trabalho.

Em consequência desta realidade de incerteza e imprevisibilidade que circunda o mundo do trabalho, em que a relação entre formação e emprego é cada vez mais débil, o jovem adulto vê-se confrontado com complexos problemas no ingresso e permanência no mercado de trabalho. O que trará, necessariamente, implicações em toda a dinâmica familiar, uma vez que irá amplificar "as relações de dependência no seio da família, os jovens dificilmente obtêm uma real autonomia das famílias de origem" (Del Boca & Turvani, 1979, *in* Esteves, 1995, p.62). Os jovens vão prolongando a estadia em casa dos pais, por vezes com algumas experiências de afastamento por experiências laborais provisórias ou por mudanças de local de trabalho: "young peolple do not necessarily leave home "for good" since many returns as "boomerang kids" (Mitchell, 2006, p. 325). A saída de casa dos pais é, assim, adiada. Os jovens adultos tendem a permanecer em casa dos seus pais até terem um vida profissional e/ou familiar estável.

Pais e filhos terão novas questões a gerir, os filhos têm que cumprir algumas das regras do funcionamento familiar, bem como algumas tarefas da casa que os pais impõem, o que nem sempre é realizado de forma pacífica, uma vez que, "dado o seu estatuto de adulto nem os pais se sentem bem a impor essas regras nem os filhos a aceitá-las" (Alarcão, 2000, p.187). Outro importante ponto é o contributo monetário. Até então os filhos dependiam economicamente dos seus pais, agora que já têm o seu ordenado, uma questão a definir será qual o contributo monetário de uns e de outros.

Outra questão é quem o jovem adulto pode levar a sua casa. Se vivesse sozinho amigos(as) e namorado(a) teriam acesso livre a sua casa, continuando este a viver com os seus pais esta questão tem que ser negociada (Alarcão, 2000).

Esta nova realidade não tem que ser, necessariamente, má. O problema é que muitos pais não equacionam esta possibilidade. Muitos pensam que, uma vez que os seus filhos saíram de casa "terão uma casa eternamente limpa, um horário bem mais flexível e um telefone que raramente toca" (Peel, 2004, p. 106). No entanto, quando um jovem adulto volta para sua casa, novamente as dinâmicas familiares terão que ser alteradas, os pais ainda continuam a realizar a sua tarefa de pais, mas é importante que estes não se esqueçam que a relação agora é de adulto para adulto.

Por tudo isto, é inegável que a escolha de uma profissão torna-se um marco muito relevante na passagem à vida adulta, que influenciará não só o jovem adulto como também toda a família, uma vez que, a profissão é uma "dimensão reconhecidamente fundamental para a dinâmica intra-familiar no seu conjunto e para a construção de trajectórias e identidades sociais de cada um dos seus membros" (Esteves, 1995, p.30).

Relações de amor

Segundo Chickering e Reisser (1993), o jovem adulto, chegado a esta fase, terá de ser capaz de desenvolver relações interpessoais de intimidade maduras e saudáveis e fazer durar compromissos baseados na honestidade e na consideração incondicional (*in* Zal, 1992). Esta capacidade de desenvolveram relações íntimas "é fundamental na tarefa de estabelecer uma relação de amor e de construir uma família" (Erikson, *in* Zal, 1992, p. 81).

Hoje em dia, os jovens adultos casam[1] cada vez mais tarde, muitas vezes por opção pessoal, outras porque os jovens adultos de hoje só pensam em iniciar uma vida de casal quando já tem alguma estabilidade (Toll, 1975). Estes percepcionam o casamento como uma espécie "de dever ou obrigação a cumprir nesta idade, a necessidade de segurança, de preencherem um vazio, o desejo de sair de casa e a necessidade de prestígio, como se esta fosse a resposta automática a todas as necessidades e carências" (Sheehy, *in* Zal, 1992, p.83). E muitas vezes esquecem-se que um casamento requer trabalho e dedicação. A maior parte dos casais gosta de pensar que depois de deixarem a casa dos seus pais casarão com alguém que os fará felizes, esperando levar para o casamento tudo o que de bom tiraram de suas famílias e deitar fora tudo o que consideram "mau" (Michael & Schwartz**,** 1998). Na vida real, as coisas não funcionam assim.

[1] Tal como Alarcão 2000 defende, tomaremos aqui como equivalente o casamento e as uniões de facto, uma vez que, "em ambos existe uma ligação afectiva entre duas pessoas que, vivendo sob o mesmo tecto, prosseguem um projecto comum de vida familiar" (Alarcão, 2000, p.115).

Quando casamos levamos connosco uma bagagem imensa, "transportamos heranças familiares e aquisições nossas numa melodia mais ou menos harmónica… que no casamento, mais concretamente na criação e desenvolvimento do sub-sistema conjugal, vai ter que ser confrontado e negociado com o do nosso parceiro" (Alarcão, 2000, p. 118). Logo, o casamento não é a simples união de dois indivíduos, é muito mais que isso: "it is rather a changing of two entire systems and an overlapping to develop a third" (Michael & Schwartz**,** 1998, p. 151). Assim, o casamento representa a ligação de dois sistemas, de duas famílias e de toda a bagagem que acima mencionámos.

Todo casal é, neste sentido, constituído por três elementos: o eu, o tu e o nós. O *eu* e o *tu* dizem respeito a cada um dos elementos do casal, às suas atitudes, aos seus comportamentos, aos seus valores. O *nós*, abarca para além do projecto de vida enquanto casal, as famílias de origem de cada um, a comunidade e a sociedade da qual fazem parte e também todos os passos individuais que levaram à reestruturação de relações, de valores ou de condutas previamente assumidos (Alarcão, 2006; Relvas, 2004).

Assim, "tornar-se casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar" (Carter & McGoldrick, 1995, p. 184), por isso mesmo, é outro dos importantes marcos que sinaliza a passagem à vida adulta.

Tornando-se pais…

A opção de ser pai, o nascimento do primeiro filho é, sem dúvida, um marco no processo do desenvolvimento familiar, e consequentemente mais um marco que assinala a entrada na vida adulta, "having a child is a key marker event" (Mitchell, 2006, p. 332).

Saber ser pai ou mãe não é algo inato mas é algo que se aprende desde criança, desde a altura em que brincávamos com bonecas e que brincávamos aos pais e às mães. Aprendemos observando os nossos próprios pais e pensando como será o nosso próprio modelo parental (Relvas, 1996).

A adaptação à nova realidade de ser mãe e de ser pai, será um percurso que demorará algum tempo e poderá ser fonte de alguma ansiedade. Embora envolto em mitos de felicidade e rodeado de expectativas românticas e irrealistas, a vinda de um filho altera, inevitavelmente, o equilíbrio da relação entre o casal e a vida de ambos. Por melhor que seja a relação de casal, por mais "adequada e estável ela vai sofrer perturbações e influências negativas concomitantes ao acontecimento" (Relvas, 1996, p. 79). Os dias despreocupados e a possibilidade de fazer tudo o que se quer acabaram. As necessidades do bebé estarão sempre em primeiro lugar nos próximos anos o que conduzirá, necessariamente, a um decréscimo na intimidade e satisfação conjugal, sentida sobretudo pelo marido, pelo vínculo que liga mãe e bebé.

Com o nascimento de um filho surge um novo sub-sistema, o parental,

e surgem também "novas funções, novas tarefas e um conjunto de reorganizações relacionais, intra e inter-familiares bem como inter-sistémicas" (Alarcão, 2000, p. 131). Juntamente com estas novas tarefas e funções, surge o receio de falhar e as imensas dúvidas dos pais sobre as suas capacidades de cuidarem bem do bebé, que são aumentadas pelo peso que a sociedade coloca em cima destes pais. A sociedade espera que todos os cuidados sejam assumidos pelos pais, logo é normal que surjam sentimentos contraditórios de felicidade e receio. No entanto, apesar de todas estas angústias, "haverá também mudanças positivas, o prazer e o orgulho no desenvolvimento do bebé será grande" (Zal, 1992, p.85).

A parentalidade é dos marcos mais importantes no ciclo vital da família, até porque esta é uma "tarefa em que não é permitido desistir, a parentalidade é para sempre. Nela não há férias nem reforma. Em relação aos filhos não se aceita divórcio" (Relvas, 2004, p. 82).

Desenvolvimento de relações adulto – adulto

Ao entrar na idade adulta os jovens começam a percepcionar os seus pais de forma diferente, existindo, desta forma, um novo registo de horizontalidade relacional entre pais e filhos. Os laços entre pais e filhos continuam fortes mas a relação adquire, agora, um novo equilíbrio, baseado na amizade e apoio emocional mútuo (Zal, 1992). Os pais continuam a ser, para o jovem adulto, importantes figuras de vinculação, "disponíveis para apoiar, confortar e, eventualmente, aconselhar em situações de dificuldade ou de *stress* " (Alarcão, 2006, p. 191).

Os filhos adultos precisam de perceber que a relação com os seus pais é agora muito diferente. Na infância a relação era de dependência, na adolescência de contra-dependência (rebeldia), agora eles precisam desenvolver independência. Os filhos devem amadurecer na autonomia e liberdade de questões financeiras, nos seus próprios conflitos matrimoniais e na educação dos seus filhos pequenos. "A mudança rumo ao *status* adulto - para – adulto requer uma forma de relacionar-se mutuamente respeitosa e pessoal, em que os jovens adultos podem apreciar os pais como eles são, sem precisar transformá-los naquilo que eles não são e sem culpá-los por aquilo que não puderam ser" (Carter & McGoldrick, 1995, p. 17).

A maior dificuldade estará em encontrar este novo equilíbrio relacional uma vez que, "young adults, as well their parents, want to live near each other but not with each other" (Toll, 1975, p. 104). Assim, pais e filhos terão que em conjunto encontrar este equilíbrio entre aproximações e afastamentos, as solicitações de apoio e de conselhos (mesmo quando estas não são realizadas de forma directa) e a recusa dos mesmos, o suporte emocional e a necessidade de independência afectiva (Alarcão, 2006).

Por isto mesmo, os pais tem que estar atentos e de braços abertos, prontos para ouvir e aconselhar mas precisam de possuir, também, a capacidade de aceitar as soluções dos seus filhos, ainda que prevejam

problemas diante destas mesmas escolhas. É importante que os pais ajudem os seus filhos a percepcionarem-se como adultos, a tornarem-se donos de suas próprias vidas, é essencial que eles se sintam seguros e apoiados para que consigam formar os seus próprios valores e traçarem os seus próprios percursos, se isto acontecer, "eles avançarão quilómetros na direcção de se tornarem adultos confiantes" (Peel, 2004, p. 50).

Os filhos adultos precisam sentir os seus pais como "uma plataforma estável de onde se podem lançar num mundo revolto e enfrentar com coragem as crises da vida" (Peel, 2004, p. 198). A família torna-se cada vez mais um espaço afectivo e emocional e não tanto um espaço essencialmente normativo, económico, que tratava de aspectos como a educação.

Então, aos jovens adultos compete ajudar a construir esta fronteira funcional entre a sua nova família nuclear (no caso de já se ter casado) e as respectivas famílias de origem, arcando com as consequências das escolhas que não foram tão bem realizadas.

E, apesar do jovem adulto começar a rumar para a sua independência, é incontestável que "a casa e a atenção dos pais continuarão a constituir um porto de abrigo relativamente às atribulações, desafios e realidades do mundo exterior" (Zal, 1992, p. 88).

II - Objectivos

Na pesquisa bibliográfica foram escassos (para não dizer nulos) os estudos encontrados que se centram em concreto na problemática da relação entre *coping* familiar, qualidade de vida e jovens adultos e suas famílias.

No entanto, tendo por base o estudo de Olson, McCubbin e colaboradores (1983) parece-nos pertinente levantar e fundamentar algumas questões de investigação.

Este estudo, de carácter exploratório, tem assim como principais objectivos:

a) Analisar se existem diferenças de género na forma como os jovens adultos percepcionam o *coping* e a qualidade de vida familiares;

b) Verificar o efeito da variável idade na forma como os jovens adultos percepcionam a qualidade de vida familiar e as estratégias de *coping;*

c) Identificar se o facto do jovem adulto afirmar ter uma religião, ou não, interfere na utilização das estratégias de *coping* familiar e na percepção da qualidade de vida familiar;

d) Analisar se existe alguma relação entre o nível de escolaridade que o jovem adulto possui, a forma como percepciona a qualidade de vida familiar e a utilização de estratégias de *coping* familiar;

e) Avaliar o efeito da variável meio de residência e do nível sócio económico na forma como os jovens adultos percepcionam o *coping* e a qualidade de vida familiares.

Segue-se o modelo conceptual que criámos e do qual partimos.

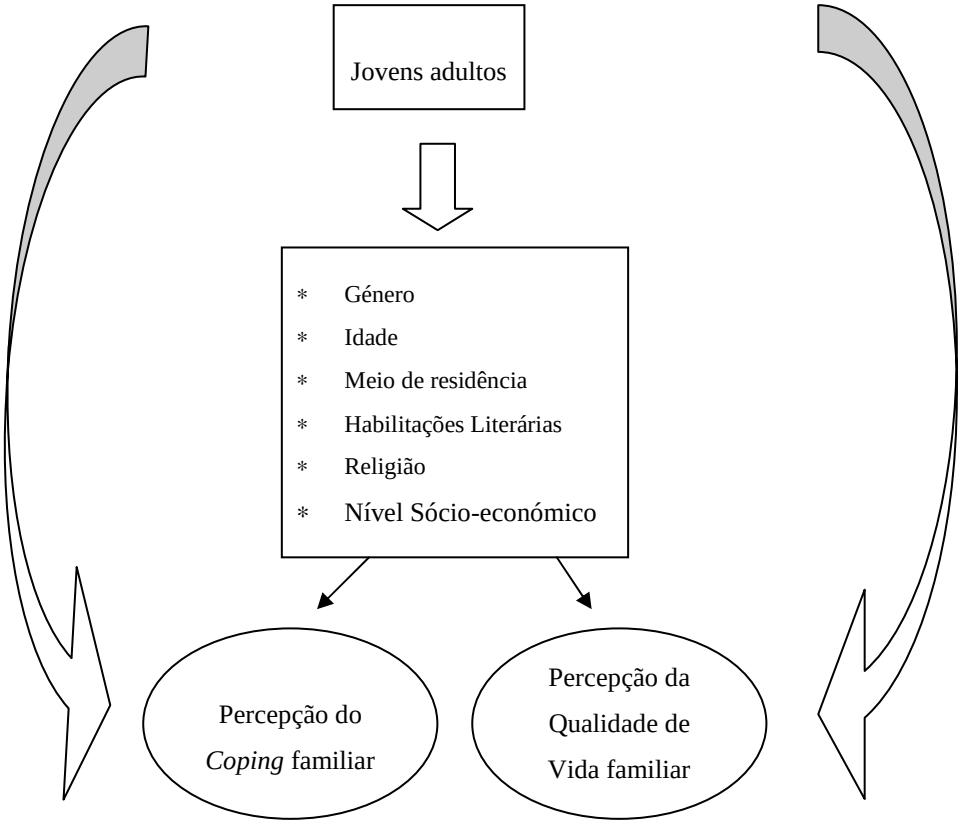

Figura 1. Modelo Conceptual das relações entre as variáveis do estudo empírico

III - Metodologia

3.1 Critérios de amostragem

O presente estudo insere-se no âmbito dum projecto de investigação mais global levado a cabo por um grupo de mestrandos do quinto ano do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e de Ciências

da Educação da Universidade de Coimbra, e em continuação de um projecto de investigação iniciado no ano anterior.

Tendo em conta que a população-alvo do nosso estudo são os jovens adultos, optámos por seleccionar estes sujeitos de entre a amostra geral constituída por 372 sujeitos. Como critérios foi estabelecido que os sujeitos tivessem idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos e fossem solteiros.

3.2 Recolha da amostra

O processo de selecção da amostra decorreu entre Novembro de 2007 e 16 de Janeiro de 2008.

Com vista à uniformização do processo foi delineado um guia de aplicação do protocolo. Assim, ficou definido que sempre que possível a aplicação seria feita individualmente, devendo apenas estar presente o investigador e o respondente. Ficou ainda definido que na eventualidade de surgirem dúvidas, no decorrer da aplicação dos questionários, o procedimento a adoptar seria o de apenas reler os itens em voz alta.

No caso de na amostra seleccionada surgirem sujeitos analfabetos, ficou definido que estes não seriam excluídos e a aplicação seria efectuada, cabendo ao investigador ler as instruções e os itens em voz alta ao indivíduo (com o cuidado de manter o mesmo tom de voz e ritmo, por forma a minimizar o grau de interferência na resposta do indivíduo), para que eles respondessem, sendo o investigador responsável por assinalar a resposta no protocolo.

A aplicação dos instrumentos foi feita segundo uma ordem previamente definida; primeiro o questionário demográfico, depois a ficha de dados complementares, seguindo-se as escalas propriamente ditas, com a seguinte ordem: o F-COPES, o FILE e o inventário da Qualidade de Vida.

No início da entrevista agradecia-se a participação dos sujeitos e eram fornecidas algumas informações relativamente aos objectivos gerais do estudo, assegurava-se a confidencialidade e anonimato das respostas, e eram ainda dadas algumas instruções relativamente aos questionários.

A aplicação do protocolo foi feita no domicílio das pessoas, de forma a dar resposta à disponibilidade por elas definida, tentando sempre que possível salvaguardar um ambiente tranquilo e sem interferências externas.

3.3 Caracterização da amostra

A amostra total é constituída por 372 sujeitos. Desta amostra total foram retirados 44 sujeitos, que se encontram caracterizados no Quadro 1, sendo 25% do sexo masculino e 75% do sexo feminino. A média de idades é de 23.1, sendo que 20.5% tem idades compreendidas entre os [19 - 22[;

27.3% entre os [25 - 28]; a grande maioria dos sujeitos tem idades compreendidas entre [22 - 25[anos (52.3%)[2] .

No que respeita ao meio de residência[3], constata-se que a maioria dos sujeitos reside num meio medianamente urbano (56.8%); 25% reside num meio predominantemente rural e apenas 18.2% reside em meio predominantemente urbano.

Relativamente ao nível sócio-económico[4] dos sujeitos, verifica-se que a grande maioria dos sujeitos (61.4%) pertence ao nível sócio-económico médio; 31.8% pertence ao nível baixo e somente 6.8% pertence ao nível socio-económico elevado.

Esta amostra apresenta um elevado nível de escolaridade: 47.7% dos sujeitos tem um curso superior, 43.2% tem o 12º ano e apenas 9.1% o 9º ano.

No que concerne à religião, a grande maioria dos sujeitos (77.3%) afirma ter religião católica; 15.9% afirma não ter nenhuma religião e somente 6.8% dos sujeitos pertence a uma religião que não a católica.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos da amostra (género, idade, meio de residência, habilitações literárias, religião e nível socio-económico)

Variáveis		N	%
Género	Masculino	11	25
	Feminino	33	75
Idade	[19 - 22[	9	20.5
	[22 - 25[	23	52.3
	[25 - 28]	12	27.3
Meio de Residência	Predominantemente urbano	8	18.2
	Medianamente urbano	25	56.8
	Predominantemente rural	11	25.0
Habilitações Literárias	9º ano	9.1	
	12º ano	43.2	
	Ensino Superior	47.7	

[2] A escolha destes intervalos, foi feita em função da idade em que o jovem adulto termina o seu percurso académico (por volta dos 22 anos), o período dos [22-25[foi considerado por ser a idade em que os mesmos, provavelmente, estão à procura ou no primeiro emprego.

[3] Segundo a *Tipologia das Áreas Urbanas* (do INE e Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, de Junho de 1998).

[4] O nível socio-económico foi calculado tendo em conta a classificação de Simões (1994).

Religião	Não	7	15.9
	Sim (católica)	34	77.3
	Sim (não católica)	3	6.8
Nível sócio-económico	Baixo	14	31.8
	Médio	27	61.4
	Elevado	3	6.8

3.4 Instrumentos

O protocolo do estudo mais amplo incluiu outros instrumentos; no entanto aqui só serão apresentados os que foram utilizados neste estudo. São eles o questionário socio-demográfico, uma ficha de dados complementares (ambos construídos pela equipa de investigação do ano passado e sofrendo um trabalho de refinação realizado pela equipa deste ano). E, ainda duas escalas: *Qualidade de Vida* (NUSIAF – sistémica, Adaptado, 2007; validado em 2008) e o F-COPES, *Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família* (Serra, Firmino, Ramalheira & Canavarro, 1990; validado em 2008).

Questionário socio-demográfico

O questionário socio-demográfico tem como objectivo avaliar algumas das variáveis demográficas relevantes.

Os dados pessoais do indivíduo, como a nacionalidade e meio de residência, são os primeiros elementos a serem considerados.

Quanto ao agregado familiar, questiona-se a posição/parentesco do respondente na família nuclear, a idade, o estado civil e data de alteração do estado civil, as habilitações literárias e a profissão (organizada posteriormente de acordo com a Classificação Nacional das Profissões - CNP, versão 1994 das estatísticas demográficas do INE, de 1998). Estes dados são recolhidos não apenas para o respondente, mas também para todos os elementos que façam parte do agregado familiar e na eventualidade de existirem filhos que já tenham saído do agregado familiar, também são recolhidas estas informações. Independentemente dos filhos ainda fazerem parte do agregado ou já terem saído perguntava-se o número de filhos.

Considerámos ainda pertinente perceber se o indivíduo afirma ter alguma religião e qual.

No que respeita ao elemento do agregado familiar considerado como a principal fonte de suporte da família, procuramos saber a sua situação na profissão, tendo em conta seis possibilidades: patrão, trabalhador por conta

própria sem assalariados, trabalhador por conta de outrem, desempregado, reformado ou pensionista por invalidez.

No final do questionário cabe ao investigador (tendo presente as características da família obtidas ao longo da entrevista ou depois de questionar o indivíduo, caso restassem dúvidas) preencher os dois seguintes campos: etapa do ciclo vital (Olson, McCubbin e col., 1983)[5]e o nível socio-económico.

Ficha de dados complementares

A ficha de dados complementares teve como principal objectivo aceder a um conjunto de informações relativas ao historial médico do respondente e da sua família, os recursos que são mais utilizados em caso de doença ou outro problema e uma resposta global sobre o *stress*, a qualidade de vida e a capacidade de adaptação da família às dificuldades.

Para tal, numa primeira fase, o questionário averigua a existência de doença crónica ou outro tipo de doença(s) na família, quem e qual doença. No caso da resposta ser positiva, averigua qual o impacto da doença [numa escala de 1 (em que um era muito fraco) a 5 (muito forte)] e a percepção da sua gravidade (ligeira, moderada, grave), tal como é considerada pelo respondente e, justificando a sua opção. É também questionado se existe outro tipo de problema (por exemplo obesidade, "nervos" ou depressão) e novamente o impacto deste na família, tendo em conta uma escala igual à utilizada para a doença crónica. Também se pede a percepção do nível de gravidade do problema tendo em conta os três níveis referidos anteriormente para a doença crónica.

Posteriormente, procura-se perceber a que tipos de apoio é que a família sente que pode recorrer, em caso de necessidade, considerando as seguintes fontes de apoio: família chegada, família alargada, instituições, e a comunidade, solicitando que sejam organizados do mais utilizado para o menos utilizado. É ainda questionada a avaliação global do sujeito relativamente ao *stress* familiar (através de uma escala Lickert de 5 pontos, em que 1 corresponde a muito pouco e 5 a muitíssimo), qualidade de vida da família (através de uma escala semelhante, de 1 (muito boa) a 5 (muito má) e a forma como a família se adapta às dificuldades, em que o sujeito deverá indicar de 1 (muito bem) a 5 (muito mal) em qual pensa se enquadrar o seu caso.

Consideramos, também, pertinente avaliar, em média, quantas vezes recorre o indivíduo ao Centro de Saúde; se entre 0 e 2, 2 a 4, 4 a 6 ou mais de 6 vezes. Neste sentido procuramos ainda perceber quais os cinco motivos

---

[5] A classificação apresentada pelos autores é:
Etapa 1 – Jovens Casais sem filhos; Etapa 2 – Famílias com filhos pequenos e famílias com filhos em idade pré-escolar; Etapa 3 – Famílias com filhos em idade escolar; Etapa 4 – Famílias com filhos adolescentes; Etapa 5 – Famílias de "lançamento" dos filhos para o exterior; Etapa 6 – Ninho vazio; Etapa 7 – Famílias na Reforma (Olson, McCubbin e col., 1983).

mais frequentes que levam a família ao Centro de Saúde (seguindo a ordem do mais frequente para o menos frequente). Nesta análise consideramos os motivos consultas de Saúde Materna, Saúde Infantil, CAJ (Centro de Atendimento a Jovens), Consulta do Adulto, Consulta do idoso, Planeamento familiar, Rastreio (por exemplo, pedir exames), Rotina/*Check-up*, Consulta da Diabetes, Hipertensão, Consulta de Psicologia, Consulta anti-tabágica, Vacinação, pedir receitas, urgências e outros.

Seguidamente, inquirimos se no último ano o próprio ou alguém significativo sofreu algum acidente. Em caso de resposta afirmativa era, também, perguntado qual o tipo de acidente.

Posteriormente, considerámos importante questionar se alguém significativo faleceu ou se divorciou, e se sim, quem.

Por fim, era perguntado se a família já recorreu a algum tipo de ajuda psicológica. Em caso de resposta afirmativa, colocam-se questões acerca de qual a instituição a que receorreram, qual o tipo de pedido, quanto tempo tiveram apoio e se ainda mantêm esse apoio.

Qualidade de Vida

O *Qualidade de Vida* é um questionário de auto-resposta, desenvolvido por Olson e Barnes (1982) com o objectivo de avaliar a percepção individual de bem-estar e satisfação com a vida, em diferentes domínios.

Esta escala tem duas versões: uma destinada a pais e outra destinada a adolescentes. A versão parental é constituída por 40 itens, e a versão para adolescentes é constituída por 25 itens, sendo que 19 itens são comuns às duas versões.

A versão original encontra-se organizada em 12 domínios: *Vida Familiar*, *Amigos*, *Família Alargada*, *Saúde*, *Lar*, *Educação*, *Lazer*, *Religião*, *Mass Media*, *Bem-estar Financeiro* e *Vizinhança* e *Comunidade*. Os domínios que cada escala abrange são basicamente os mesmos, à excepção do *Casamento* e *Emprego*, presentes na versão parental, e do *Lazer*, *Educação* e *Família Alargada*, presentes na versão para adolescentes. O questionário avalia a satisfação do indivíduo face aos variados domínios referidos, como revelador da sua satisfação com a Qualidade de Vida.

A escala de resposta é de Tipo Likert, com cinco níveis, onde o 1 corresponde ao “Insatisfeito” e o 5 ao “Extremamente Satisfeito”, sendo que um resultado mais elevado corresponde também a uma maior satisfação com a qualidade de vida. A sua versão original permite-nos obter o resultado total da Qualidade de Vida, bem como o resultado de cada um dos doze Factores.

Relativamente aos estudos empíricos de validação da escala, na análise da validade, com uma amostra de 1950 sujeitos, o *alfa* de Cronbach total foi de 0.92, mantendo-se igual aquando da divisão da amostra por

género. Apresenta um nível de fidelidade de .6476.

De salientar, ainda, que o questionário *Quality of Life* não estava traduzido para português. A sua tradução foi feita pelo grupo de investigação do ano passado de acordo com a metodologia da OMS (Sartorius & Kuyken, 1994, *in* Canavarro & cols., 2006). Esta traduziu, primeiramente, o original para português, discutiu a tradução e preparou a mesma para aplicação, que foi feita a sete pessoas (grupo monolingue). Depois de averiguadas possíveis dúvidas sobre cada item, foi feita uma retroversão para inglês, por uma tradutora que não conhecia o original. Finalmente, o grupo bilingue comparou esta versão com a original, fez as últimas alterações necessárias e concluiu que tinha chegado a um equivalente suficientemente aproximado do original para prosseguir a investigação.

No que se refere ao processo de adaptação da escala, a equipa de investigação do ano passado recolheu uma amostra de 260 sujeitos, sendo 34,2% do sexo masculino e 65,8% do sexo feminino. O valor médio das idades dos respondentes é de 52,31 anos, sendo o valor mínimo 21 anos e o valor máximo 84 anos. Os sujeitos têm, em média, um nível de escolaridade baixo, 46,9% dos sujeitos têm o 4º ano de escolaridade ou menos. Paralelamente, a maior parte dos inquiridos (54,2%) pertence ao nível sócio-económico baixo, Relativamente às etapas do ciclo vital, a maior parte das famílias inquiridas são *famílias "lançadoras"* (33,1%) e *famílias na reforma* (22,7%).

Relativamente ao trabalho de validação do *Qualidade de Vida* para a população portuguesa, realizado durante este ano lectivo (2007/2008), a amostra utilizada foi de 372 indivíduos. O estudo estatístico do instrumento revelou uma boa consistência interna da escala total (*alpha* de Cronbach de .922). Seguindo os procedimentos estatísticos usados pelos autores originais da escala (McCubbin, Olson & Larsen, 1985), e usando o programa SPSS 15.0 FOR WINDOWS, foi feita uma análise factorial da escala, usando o método *Varimax* extraindo-se 11 factores.

Assim, para o factor *bem-estar financeiro* obtivemos um *alpha* de Cronbach de .89, para o *tempo* .979, para o factor *vizinhança e comunidade* .888, .90 para o factor *casa*, .805 para os *mas media*, .735 para as *relações sociais e saúde*, .739 para o factor *emprego*, .971 para a *religião*, *.797* para a *família*, 7.96 para o factor *filhos* e, por fim, um *alpha* de .865 para a *educação.*

Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES)

O *Family Crisis Oriented Personal Scales* foi desenvolvido por McCubbin, Olson e Larsen (1981), com o objectivo de identificar estratégias

comportamentais e de resolução de problemas utilizados pelas famílias em situações difíceis ou problemáticas. Na construção da escala os autores tiveram em atenção as dimensões de *coping* descritas pelo Modelo ABCX, e integraram em estratégias de *coping* os recursos familiares e a percepção e significado do acontecimento da teoria do *stress* familiar. As estratégias de *coping* familiar foram agrupadas em duas dimensões: internas e externas. As estratégias internas residem no sistema nuclear da família, enquanto que as estratégias externas referem-se a estratégias que a família procura fora do núcleo familiar (Olson, McCubbin e col. 1985).

O F-COPES é um inventário de auto-resposta, sendo uma escala tipo Likert, com cinco alternativas desde 1 ("Discordo muito") a 5 ("Concordo muito") e com pontuações de 1 a 5, respectivamente. A cotação é feita de forma a que quanto mais elevada é a pontuação mais elevados são os valores de estratégias de *coping* familiar. A versão original do F-COPES permite obter um resultado total de Estratégias de *Coping* e o resultado por Factor.

A versão final do F-COPES encontra-se organizada nos cinco factores seguintes: I – *Adquirir Suporte Social* (9 itens que avaliam a capacidade da família para procurar apoio de parentes, vizinhos, amigos e da família alargada); II – *Reenquadramento* (8 itens que medem a capacidade da família para redefinir os acontecimentos indutores de *stress*, de forma a torná-los mais controláveis); III – *Procura de Apoio Espiritual* (4 itens que se focam na capacidade da família para obter apoio espiritual); IV – *Mobilização da Família para Obter e Aceitar Ajuda* (4 itens que permitem aceder à capacidade da família para encontrar e aceitar a ajuda da comunidade); V – *Avaliação Passiva* (4 itens que se relacionam com a capacidade da família para aceitar medidas problemáticas, minimizando o seu impacto).

Relativamente aos estudo empírico de validação da escala, os autores originais (Olson, McCubbin e col, 1985) obtiveram no seu estudo índices de consistência interna (*alpha* de Cronbach) de .83 para aquisição de suporte social, .82 para o reenquadramento, .80 para a procura de apoio espiritual, .71 para a mobilização de apoio formal, .63 para a avaliação passiva e um total na escala de .86. Apresenta um nível de fidelidade de .81.

No presente estudo utilizámos uma adaptação portuguesa do questionário (A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira & M. C. Sousa Canavarro, 1990). Note-se que apesar da versão original da escala ser composta por 29 itens, decidimos seguir as versões inglesa, espanhola e francesa do F-COPES e integrar o item 18 na escala.

Neste sentido, para testar a equivalência transcultural da estrutura factorial desta escala na população portuguesa, a equipa do ano passado, que se dedicou à sua adaptação, recolheu uma amostra de 274 sujeitos com idades compreendidas entre os 14 e os 84 anos. Desta amostra, 64% dos sujeitos são do sexo feminino, 55,1% pertencem ao nível sócio-económico baixo, 77.3% residem em meios predominantemente urbanos, 35.3% possuem o 4º ano de escolaridade e 32,1% enquadram-se na etapa do ciclo vital "famílias lançadoras".

A amostra de validação para Portugal deste inventário é constituída por 372 sujeitos. O estudo estatístico do instrumento revelou uma boa consistência interna da escala total (*alpha* de Cronbach de .846). Contudo, não foi possível ter acesso, em tempo útil, à nova estrutura factorial encontrada neste trabalho de validação. Assim trabalhamos com os factores propostos pelos autores da versão original.

IV – Resultados

Os resultados anunciados nesta rubrica referem-se às análises estatísticas dos dados recolhidos, organizados no sentido de testar o modelo conceptual já apresentado.

Para além da estatística descritiva, recorremos também à estatística inferencial. Relativamente à estatística descritiva, utilizaram-se frequências, assim como a medida descritiva básica, a média. Na estatística inferencial, para averiguar se as variáveis independentes (género, idade, local de residência, habilitações literárias, nível sócio-económico e religião) influenciam ou não o resultado no F-COPES e no *Qualidade de Vida*, foram utilizados testes paramétricos, nomeadamente, a One Way ANOVA, com comparações posteriores pelo teste de Tukey, sempre que as suas condições de aplicação eram satisfeitas (D'Hainaut, 1997; Pestana & Gageiro, 2003; Maroco, 2007). Quando estas condições não eram satisfeitas, recorreu-se aos testes não-paramétricos de U de Mann-Whitney e Kruskall-Wallis. Neste último caso, quando necessário, foram efectuadas comparações múltiplas através do teste de Fisher-LSD (*Least Significant Difference*).

Para se testar a normalidade das distribuições utilizou-se o teste de Shapiro-Wilk. A análise estatística dos dados foi efectuada com recurso ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS versão 15.0).

Qualidade de Vida

Os resultados da ANOVA permitem-nos averiguar a inexistência de efeitos significativos, no que respeita ao género, nas dimensões "*vizinhança e comunidade*" e "*casa*", dada a presença de probabilidades de significância superiores a .05 (*cf.* Quadro 2).

Por seu turno, o teste de U de Mann-Whitney mostra-nos que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão do questionário "*bem--estar financeiro*" (U= 88.000, p=.011). Deste modo, são os jovens adultos do género masculino, cuja média (M= 31.00) é superior à do género feminino (M= 16.97), que percepcionam uma maior qualidade de vida em relação ao *bem-estar financeiro.* Não existindo diferenças significativas nas restantes dimensões ("*tempo*", "*mass media*" "*relações sociais e saúde*", "*emprego*", "*religião*", "*família*", "*filhos*", "*educação*" e total) (*cf.* Quadro 2.1).

Quadro 2. Efeito do "género" nos resultados do Qualidade de Vida: médias e ANOVA

	Masculino		Feminino		
Qualidade de Vida	N	M	N	M	**F** (p)
Vizinhança e Comunidade	11	20.00	33	18.67	1.389 (.245)
Casa	11	20.73	33	19.12	.219 (.080)

Quadro 2.1 Efeito do "género" nos resultados do Qualidade de Vida: médias e Teste de U de Mann-Whitney

	Masculino		Feminino		
Qualidade de Vida	N	M	N	M	**U** (p)
Bem-estar Financeiro	11	31.00	33	19.67	88.000 **(.011)**
Tempo	11	25.09	33	21.64	153.00 (.423)
Mass Media	11	27.09	33	20.97	131.000 (.157)
Relações Sociais e Saúde	11	25.23	33	21.59	151.500 (.407)
Emprego	11	27.14	33	20.95	130.500 (.155)
Religião	111	26.32	33	21.23	139.500 (.271)
Família	11	20.82	33	23.06	163.000 (.600)
Filhos	11	23.09	33	22.30	175.000 (.840)
Educação	11	22.41	33	22.53	180.500 (.978)
Total	11	28.18	33	20.61	119.000 (.090)

Dos resultados obtidos através da ANOVA (*cf.* Quadro 3), concluímos que a idade influencia significativamente a dimensão "*vizinhança e*

comunidade" (F=6.619, p=.003). Através do Teste de Tukey, constatamos que as diferenças se situam entre "[19-22[" (M=17.22) e "[22-25[" (M=20.52) (p=.017); e, entre "[22-25[" (20.52) e "[25-28]" (M=17.42) (p=.012). Pelo contrário, a idade não influencia a dimensão "*casa*" (p>.05).

Da análise dos dados obtidos pelo teste de Kruskal-Wallis, verificamos a inexistência de diferenças significativas nas restantes dimensões, à excepção da dimensão "*educação*" (X^2=7.701; p=.021). As comparações múltiplas registadas através do teste de Fisher-LSD, reproduzem diferenças significativas entre "[19-22[" e "[22-25[" (p=.002), assim como entre "[22-25[" e "[25-28]" (p=.006). De facto, são os jovens adultos com idades compreendidas entre [22-25[que percepcionam uma melhor qualidade de vida ao nível da *educação* (M= 20.52), pelo contrário, são os jovens adultos com idades compreendidas entre os [19-22[percepcionam uma menor qualidade de vida a este nível (M=17.22) (*cf.* Quadro 3.1).

Quadro 3. Efeito da "idade" nos resultados do Qualidade de Vida: médias, ANOVA e Teste Tukey

	[19- 22[		[22 – 25[		[25 – 28]			
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	F (p)	Diferenças Tukey
Vizinhança e Comunidade	9	17.22	23	20.52	12	17.42	6.619 **.003**	[19-22[≠ [22-25[(.017) [22-25[≠ [25-28] (.012)
Casa	9	18.89	23	19.83	12	19.42	.410 (.666)	

Quadro 3.1. Efeito da "idade" nos resultados do Qualidade de Vida: médias, Teste de Kruskal-Wallis e Teste Fisher-LSD

	[19- 22[		[22 - 25[		[25 – 28]			
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)	Diferenças Fisher-LSD
Bem-estar Financeiro	9	18.83	23	25.30	12	19.80	2.359 (.307)	
Tempo	9	28.39	23	20.54	12	21.83	2.648 (.266)	

Mass Media	9	18.56	23	24.30	12	22.00	1.415 (.493)	
Relações Sociais e Saúde	9	17.89	23	25.35	12	20.50	2.687 (.261)	
Emprego	9	18.17	23	24.17	12	22.54	1.494 (.474)	
Religião	9	22.39	23	22.09	12	23.08	.094 (.954)	
Família	9	28.28	23	19.07	12	24.75	4.187 (.123)	
Filhos	9	29.44	23	19.39	12	23.25	5.246 (.073)	
Educação	9	18.00	23	27.54	12	16.21	7.701 **(.021)**	[19-22[≠ [22-25[(.002) [22-25[≠ [25-28] (.006)
Total	9	22.78	23	23.83	12	19.75	.803 (.669)	

Através dos resultados obtidos na ANOVA verificamos que apesar de existirem diferenças estatisticamente significativas na dimensão "*vizinhança e comunidade*", no que respeita à variável "meio de residência," o limiar de significância aproxima-se de valores não significativos (F=3.120, p=.054) Pelo Teste de Tukey, podemos constatar que estas diferenças se encontram entre o "predominantemente rural" e o "medianamente urbano" (p=.044). Na realidade, são os jovens adultos que residem em meio medianamente urbano que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida (M=19.80), no oposto, são os jovens adultos que residem em meio predominantemente rural, percepcionam níveis menores de qualidade de vida no que respeita à *vizinhança e comunidade* (M=17.00) (*cf.* Quadro 4).

Face aos resultados obtidos pelo teste de Kruskal-Wallis (*cf.* Quadro 4.1), concluímos que não existem diferenças significativas nas restantes dimensões do Qualidade de Vida, dada a existência de probabilidades de significância superiores a .05.

Quadro 4. Efeito do "meio de residência" nos resultados do Qualidade de Vida: médias, ANOVA e Teste Tukey

	Predominantemente Urbano		Medianamente Urbano		Predominantemente Rural			
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	**F** (p)	Diferenças Tukey
Vizinhança e Comunidade	8	19.25	25	19.80	11	17.00	3.120 **(.054)**	Predominante/ Rural ≠ Mediana/ Urbano (.044)
Casa	8	19.75	25	19.68	11	19.00	.281 (.757)	

Quadro 4.1. Efeito do "meio de residência" nos resultados do Qualidade de Vida: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	Predominantemente Urbano		Medianamente Urbano		Predominantemente Rural		
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)
Bem-estar Financeiro	8	21.00	25	24.66	11	18.68	1.810 (.405)
Tempo	8	18.63	25	24.74	11	20.23	1.974 (.373)
Mass Media	8	16.75	25	24.98	11	21.05	2.867 (.238)
Relações Sociais e Saúde	8	16.25	25	26.40	11	18.18	5.664 (.059)
Emprego	8	26.75	25	22.26	11	19.95	1.390 (.499)
Religião	8	21.63	25	24.82	11	17.86	2.692 (.260)
Família	8	28.13	25	19.80	11	24.55	3.186 (.203)
Filhos	8	28.13	25	19.52	11	25.18	4.385 (.112)
Educação	8	25.38	25	21.02	11	23.77	.860 (.651)
Total	8	24.13	25	23.08	11	20.00	.598 (.741)

De acordo com os valores observados no Quadro 5, as diferenças entre as médias das dimensões "*vizinhança e comunidade*" e "*casa*", no que concerne às habilitações literárias, não apresentam significado estatístico.

Porém, os resultados obtidos através do teste de Kruskal-Wallis, revelam-nos efeitos significativos, na dimensão "*bem-estar financeiro*" (X^2=6.232, p=.044). Os resultados das comparações múltiplas apurados através do teste de Fisher-LSD, evidenciam diferenças entre o "9ºAno" e o "12º Ano" (p=.020), assim como entre o "9º Ano" e o Ensino Superior (p=.009). De facto, são os jovens adultos com o 9º Ano que percepcionam melhor qualidade de vida (M=30.63) no factor *bem-estar financeiro*, no outro extremo, temos os jovens adultos que possuem o 12º Ano de escolaridade (M=17.21). Na dimensão "*família*"existem também diferenças estatisticamente significativas (X^2=8.448, p=.015). Pelo teste Fisher LSD constatamos diferenças altamente significativas entre o "9ºAno" e o "12º Ano" (p=.016) e, entre o "9º Ano" e o Ensino Superior (p=.006). Na realidade, são os jovens adultos que possuem o 12º Ano que percepcionam melhor qualidade vida ao nível da *família* (M=28.66), e são os jovens que possuem apenas o 9º Ano que menor qualidade de vida sentem a este nível (M=16.50) (*cf.* 5.1).

Quadro 5. Efeito das "habilitações literárias" nos resultados do Qualidade de Vida: médias e ANOVA

	9º Ano		12º Ano		Ensino Superior		
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	**F** (p)
Vizinhança e Comunidade	4	18.75	19	18.74	21	19.29	.148 (.863)
Casa	4	21.00	19	20.16	21	18.67	2.439 (.100)

Quadro 5.1. Efeito das "habilitações literárias" nos resultados do Qualidade de Vida: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	9º Ano		12º Ano		Ensino Superior			
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	**X^2** (p)	Diferenças Fisher-LSD
Bem-estar Financeiro	4	30.63	19	27.21	21	25.74	6.232 **(.044)**	9º Ano ≠ 12º Ano (.020) 9º Ano ≠ Ensino Superior (.009)
Tempo	4	25.50	19	25.42	21	19.29	2.710 (.258)	
Mass Media	4	30.63	19	19.84	21	23.36	2.687 (.261)	

Relações Sociais e Saúde	4	32.75	19	21.66	21	21.31	2.924 (.232)	
Emprego	4	29.25	19	20.76	21	22.79	1.544 (.462)	
Religião	4	26.50	19	22.61	21	21.64	.568 (.753)	
Família	4	16.50	19	28.66	21	18.07	8.448 **(.015)**	9º Ano ≠ 12º Ano (.016) 9º Ano ≠ Ensino Superior (.006)
Filhos	4	19.75	19	28.89	21	17.24	5.987 (.071)	
Educação	4	25.13	19	17.68	21	26.36	4.839 (.089)	
Total	4	29.25	19	22.53	21	21.19	1.329 (.515)	

O Quadro 6 documenta que a dimensão "*casa*" é influenciada pela variável religião (F=4.165, p=.023). Dos valores obtidos pelo teste de Tukey, destacam-se diferenças significativas entre "*não*" (M= 21.86) e "*sim (católica)*" (M= 18.97) (p=.019).

Por sua vez, os resultados obtidos através teste de Kruskal-Wallis revelam-nos diferenças altamente significativas na dimensão "*relações sociais e saúde*" (X^2=8.939; p=0,011). Dos valores revelados pelo teste de Fisher-LSD, destacam-se diferenças muito significativas entre as modalidades "não" e "sim (católica)" (p=.001), assim como, "sim (não católica)" e "sim (católica)" (p=.005). Na realidade, são os jovens adultos que afirmam não ter nenhuma religião que percepcionam melhor qualidade de vida na dimensão *relações sociais e saúde* (M= 33.36), seguidos dos jovens que dizem ter uma religião não católica (M=32.00), sendo os jovens que afirmam ser católicos que percepcionam níveis menores de qualidade de vida nesta dimensão (M=19.43) (*cf.* Quadro 6.1).

Quadro 6. Efeito da "religião" nos resultados do Qualidade de Vida: médias, ANOVA e Teste Tukey

	Não	Sim (católica)	Sim (não

					católica)			
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	F (p)	Diferenças Tukey
Vizinhança e Comunidade	7	19.43	34	18.71	3	21.33	.964 (.390)	
Casa	7	21.86	34	18.97	3	20.33	4.165 **(.023)**	Não ≠ Sim (católica) (.019)

Quadro 6.1. Efeito da "religião" nos resultados do Qualidade de Vida: médias, Teste de Kruskal-Wallis e Teste Fisher-LSD

	Não		Sim (católica)		Sim (não católica)			
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)	Diferenças Fisher-LSD
Bem-estar Financeiro	7	30.07	34	20.51	3	27.33	3.741 (.156)	
Tempo	7	29.79	34	20.24	3	31.17	5.036 (.081)	
Mass Media	7	27.71	34	21.26	3	24.33	1.638 (.441)	
Relações Sociais e Saúde	7	33.36	34	19.43	3	32.00	8.939 **(.011)**	Não ≠ Sim (católica) (.001) Sim (não católica) ≠ Sim (católica) (.005)
Emprego	7	25.71	34	21.25	3	29.17	1.656 (.437)	
Religião	7	23.21	34	21.74	3	29.50	1.217 (.544)	
Família	7	25.43	34	22.93	3	10.83	3.141 (.208)	
Filhos	7	20.57	34	23.65	3	14.00	2.275 (.321)	

Educação	7	15.57	34	23.51	3	27.17	2.705 (.259)
Total	7	29.57	34	20.62	3	27.33	3.291 (.193)

Os resultados colhidos da análise dos dados (*cf.* Quadros 7 e 7.1) apontam a variável "*nível socio-económico*" em estudo, como não reveladora de efeitos significativos em todas as dimensões comportadas no Qualidade de Vida, dada a presença de probabilidades de significância superiores a .05.

Quadro 7. Efeito do "nível socio-económico" nos resultados do Qualidade de Vida: médias, ANOVA

	Baixo		Médio		Elevado		
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	**F** (p)
Vizinhança e Comunidade	14	18.36	27	19.22	3	20.00	.463 (.633)
Casa	14	18.43	27	20.00	3	20.33	1.861 (.168)

Quadro 7.1 Efeito do "nível socio-económico" nos resultados do Qualidade de Vida: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	Baixo		Médio		Elevado		
Qualidade de Vida	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)
Bem-estar Financeiro	14	17.50	27	24.26	3	30.00	3.695 (.158)
Tempo	14	18.54	27	23.87	3	28.67	2.513 (.285)
Mass Media	14	23.75	27	20.76	3	32.33	2.557 (.278)
Relações Sociais e Saúde	14	16.46	27	25.13	3	27.00	4.778 (.092)
Emprego	14	20.07	27	23.65	3	23.50	.776 (.679)

Religião	14	19.09	27	23.65	3	28.33	2.182 (.336)
Família	14	18.21	27	24.61	3	23.50	2.518 (.284)
Filhos	14	22.21	27	22.74	3	21.67	.038 (.981)
Educação	14	20.29	27	24.81	3	12.00	3.372 (.185)
Total	14	16.71	27	25.74	3	20.33	4.665 (.097)

F-COPES

Os resultados obtidos, através da ANOVA, permitem-nos averiguar a existência de efeitos significativos da variável género na procura de *Apoio Espiritual*, como estratégia de resolução de problemas ou situações problemáticas, no entanto, o limiar de significância aproxima-se de valores não significativos (F=3.754, p=.054) Deste modo, são os jovens adultos do género feminino, cuja média (M= 29.03) é superior à do género masculino (M= 28.09), que mais recorrem a esta estratégia de *coping.* (*cf.* Quadro 8).

Por seu turno, o teste de U de Mann-Whitney não nos revela diferenças estatisticamente significativas, no que respeita ao género, dada a presença de probabilidades de significância superiores a .05 (*cf.* Quadro 8.1).

Quadro 8. Efeito do "género" nos resultados do F-COPES: médias e ANOVA

	Masculino		Feminino		
F- COPES	N	M	N	M	**F** (p)
Apoio Social	11	28.09	33	29.03	.277 (.601)
Reenquadramento	11	27.91	33	29.30	1.005 (.322)
Apoio Espiritual	11	7.45	333	9.82	3.754 **(.054)**

Quadro 8.1 Efeito do "género" nos resultados do F-COPES: médias e Teste de U de Mann-Whitney

	Masculino		Feminino		
F- COPES	N	M	N	M	**U** (p)
Apoio Formal	11	23,05	33	22.32	175.500 (.869)
Avaliação Passiva	11	16,91	33	24.36	120.000 (.090)
Total	11	19,09	33	23.64	144.00 (.308)

Face aos resultados obtidos (*cf.* Quadro 9 e 9.1) concluímos a variável idade não se apresenta como reveladora de efeitos significativos, uma vez que todos os valores de probabilidades de significância são superiores a.05.

Quadro 9. Efeito da "idade" nos resultados do F-COPES: médias e ANOVA

	[19 – 22[		[22 – 25[		[25 - 28]		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	F (p)
Apoio Social	9	28.56	23	30.09	12	26.50	2.075 (.139)
Reenquadramento	9	30.22	23	29.09	12	27.75	1.012 (.372)
Apoio Espiritual	9	8.11	23	9.87	12	8.83	.858 (.432)

Quadro 9.1. Efeito da "idade" nos resultados do F-COPES: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	[19 - 22[		[22 – 25[		[25 - 28]		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)
Apoio Formal	9	20.50	23	25.89	12	17.50	3.729 (.155)
Avaliação Passiva	9	29.44	23	20.78	12	20.58	3.428 (.180)
Total	9	21.50	23	25.78	12	16.96	3.806 (.149)

Dos resultados obtidos pela ANOVA (*cf.* Quadro 10), concluímos que o meio de residência não influencia as estratégias de *coping* utilizadas pelos nossos sujeitos (p>.05).

Da análise dos dados alcançados utilizando o teste de Kruskal-Wallis,

verificamos a inexistência de diferenças significativas, à excepção da estratégia de *coping Mobilização de Apoio Formal* (X^2=9.032; p=.011). As comparações múltiplas registadas através do teste de Fisher-LSD, reproduzem diferenças significativas entre as modalidades "predominantemente urbano" e "medianamente urbano" (p=.001), assim como, entre "predominantemente rural" e "medianamente urbano" (p=.002). São os jovens adultos que residem em meios medianamente urbanos (M=26.46) que mais recorrem à estratégia *coping Mobilização do Apoio Formal*, seguidos dos que residem em meio predominantemente rural (M=21.86), e são os jovens adultos que residem em meio predominantemente urbano que menos recorrem a esta estratégia de *coping* (M= 11.00) (*cf.* Quadro 10.1).

Quadro 10. Efeito do "meio de residência" nos resultados do F-COPES: médias e ANOVA

	Predominantemente Urbano		Medianamente Urbano		Predominantemente Rural		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	**F** (p)
Apoio Social	8	26.25	25	30.28	11	27.27	2.774 (.074)
Reenquadramento	8	30.00	25	28.68	11	28.82	.329 (.722)
Apoio Espiritual	8	10.25	25	8.56	11	10.00	.998 (.378)

Quadro 10.1 Efeito do "meio de residência" nos resultados do F-COPES: médias, Teste de Kruskal-Wallis e Teste Fisher-LSD

	Predominantemente Urbano		Medianamente Urbano		Predominantemente Rural			
F-COPES	N	M	N	M	N	M	**X^2** (p)	Diferenças Fisher-LSD
Apoio Formal	8	11.00	25	26.46	11	21.86	9.032 **(.011)**	Predominante/ urbano ≠ Mediana/ urbano (.001) Predominante/ Rural ≠ Mediana/ Urbano (.002)
Avaliação	8	26.38	25	20.54	11	24.14	1.542	

Passiva							(.462)
Total	8	18.25	25	24.44	11	21.18	1.568 (.456)

Os resultados revelados através da análise dos dados (*cf.* Quadros 11 e 11.1) apontam a variável independente habilitações literárias, como não reveladora de efeitos significativos nas estratégias de *coping* utilizadas, dada a presença de probabilidades de significância superiores a .05.

Quadro 11. Efeito das "habilitações literárias" nos resultados do F-COPES: médias e ANOVA

	9º Ano		12º Ano		Ensino Superior		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	**F** (p)
Apoio Social	4	30.50	19	28.11	21	29.10	.425 (.657)
Reenquadramento	4	29.50	19	30.05	21	27.86	1.591 (.216)
Apoio Espiritual	4	6.75	19	8.37	21	10.48	2.981 (.062)

Quadro 11.1. Efeito das "habilitações literárias" nos resultados do F-COPES: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	9º Ano		12º Ano		Ensino Superior		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)
Apoio Formal	4	25.50	19	19.03	21	25.07	2.510 (.285)
Avaliação Passiva	4	27.63	19	26.11	21	18.26	4.579 (.101)
Total	4	24.38	19	21.00	21	23.50	.474 (.784)

O Quadro 12 evidencia que a variável religião (F=11.360; p=.000), detém uma relevância altamente significativa na dimensão *Apoio Espiritual*, como seria de esperar. Pelo teste de Tukey, podemos constatar a presença de diferenças altamente significativas entre "não" e "sim (católica)" (p=.001), bem como, entre "não" e "sim (não católica)" (p=.000). Na realidade, são os jovens que afirmam ter uma religião não católica que mais recorrem ao *Apoio Espiritual* (M=14.00), seguidos dos que afirmam ser católicos (M= 9.68), sendo os jovens adultos que afirmam não ter uma religião que menos recorrem a esta estratégia (M=5.00).

Por seu turno, os resultados obtidos pelo teste de Kruskal-Wallis não nos revelam diferenças estatisticamente significativas entre as restantes

dimensões avaliadas pelo F-COPES (*cf.* Quadros 12.1)

Quadro 12. Efeito da "religião" nos resultados do F-COPES: médias, ANOVA e Teste de Tukey

	Não		Sim (católica)		Sim (não católica)			
F- COPES	N	M	N	M	N	M	F (p)	Diferenças (Tukey)
Apoio Social	7	30.86	34	28.24	3	30.33	.916 (.408)	
Reenquadramento	7	31.14	34	28.47	3	29.33	1.334 (.275)	
Apoio Espiritual	7	5.00	34	9.68	3	14.00	11.360 **(.000)**	Não ≠ Sim (católica) (.001) Não ≠ Sim (não católica) (.000)

Quadro 12.1 Efeito da "religião" nos resultados do F-COPES: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	Não		Sim (católica)		Sim (não católica)		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)
Apoio Formal	7	25.21	34	20.94	3	33.83	3.226 (.199)
Avaliação Passiva	7	19.93	34	22.35	3	30.17	1.402 (.496)
Total	7	22.71	34	21.37	3	34.83	3.045 (.218)

Os resultados obtidos através da análise dos dados (*cf.* Quadros 13 e 13.1) apontam a variável nível sócio económico, em estudo, como não reveladora de efeitos significativos nas estratégias de *coping*, dada a presença de probabilidades de significância superiores a .05.

Quadro 13. Efeito do "nível socio-económico" nos resultados do F-COPES: médias e ANOVA

	Baixo		Médio		Elevado		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	**F** (p)
Apoio Social	14	27.29	27	29.93	3	25.67	1.934 (.158)
Reenquadramento	14	28.36	27	29.48	3	27.00	.742 (.483)
Apoio Espiritual	14	10.14	27	9.11	3	6.00	1.714 (.193)

Quadro 13.1. Efeito do "nível socio-económico" nos resultados do F-COPES: médias e Teste de Kruskal-Wallis

	Baixo		Médio		Elevado		
F- COPES	N	M	N	M	N	M	X^2 (p)
Apoio Formal	14	19.00	27	25.30	3	13.67	3.830 (.147)
Avaliação Passiva	14	25.82	27	22.44	3	7.50	5.209 (.074)
Total	14	20.43	27	24.83	3	11.17	3.606 (.165)

V – Discussão

Antes de partir para a discussão dos resultados propriamente dita, parece-nos importante fazer uma ressalva relativamente às características da amostra e que fazem dela uma amostra bastante particular e não representativa da população geral. Assim, a amostra em causa é na sua grande maioria composta por mulheres, uma grande percentagem de sujeitos tem um grau de escolaridade elevado (ensino superior), a grande maioria dos sujeitos pertence ao nível socio-económico médio e, afirma ter como religião a católica. De facto, estas características particulares da amostra têm um peso elevado na hora de discutir os resultados, pelo que se torna fundamental tê-las sempre em atenção.

O presente estudo exploratório foi estruturado no sentido de nos permitir conhecer a eventual influência das variáveis independentes género, idade, meio de residência, habilitações literárias, religião e nível socio-económico na percepção das estratégias de *coping* utilizadas pelos jovens adultos, bem como, na percepção e satisfação com a qualidade de vida familiar.

O esquema seguinte mostra-nos quais as variáveis que exercem influência em cada uma das variáveis dependentes em análise (*cf.* Fig.2).

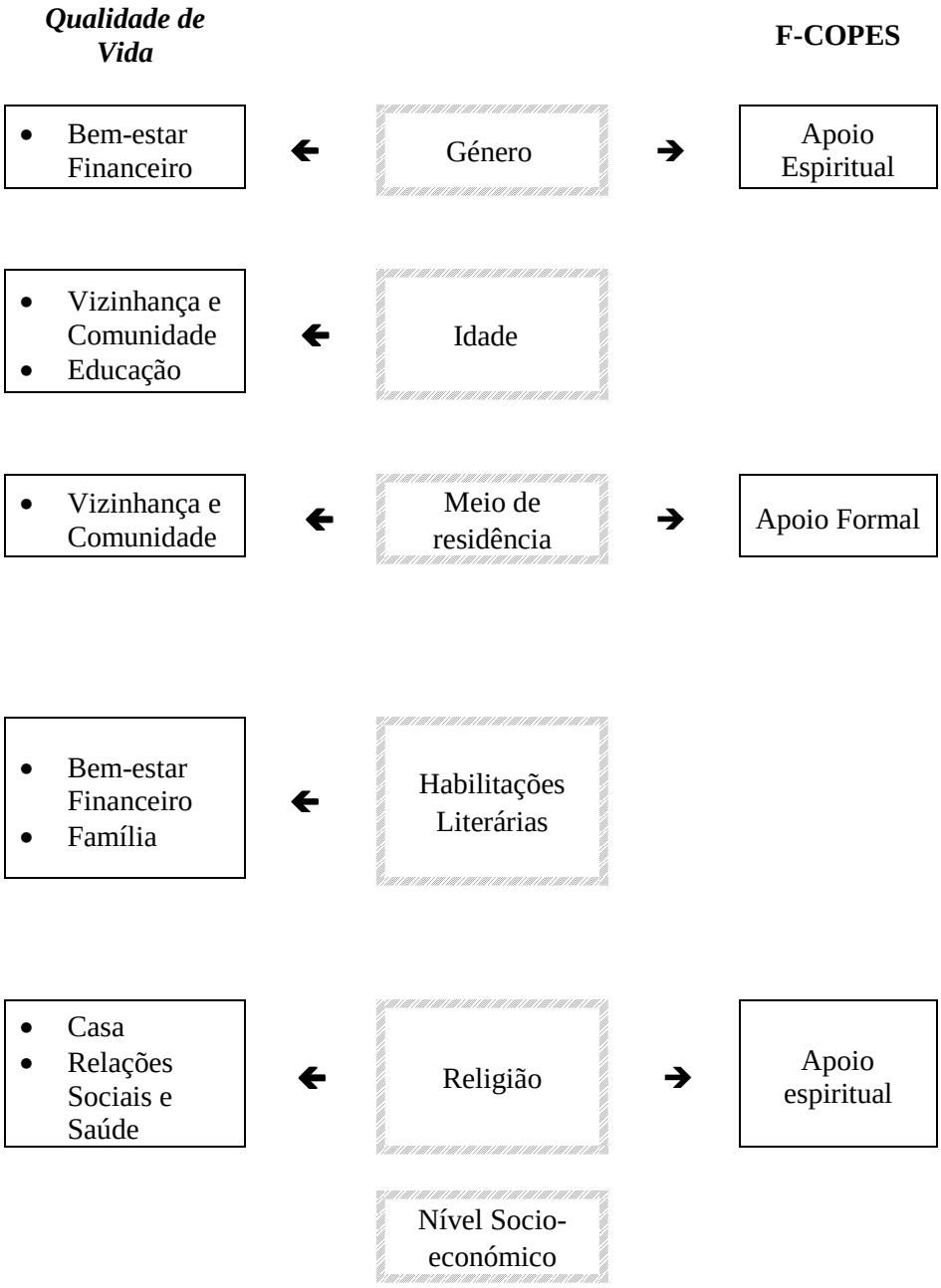

Fig. 2 Influência das variáveis independentes nas variáveis dependentes

Da análise dos resultados obtidos no estudo de campo, e no que respeita à influência da variável género na utilização de estratégias de

coping, verifica-se que o facto de se ser jovem adulto do sexo masculino ou jovem adulta do sexo feminino não tem influência nas estratégias de *coping* utilizadas. Excepção feita à dimensão *Apoio Espiritual,* o que vai de encontro ao que seria esperado. Uma vez que, segundo Olson e colaboradores (1993), tanto os homens como as mulheres consideram esta estratégia de *coping* importante, no entanto, as mulheres dão-lhe uma maior ênfase.

Nesta etapa, os jovens adultos deparam-se com uma série de dificuldades oriundas da renegociação necessária ao enfrentar esta nova fase das suas vidas. A entrada para a Universidade, o casamento, a parentalidade acontecem, necessariamente, em períodos diferentes e, impõe que, em função das mesmas, o jovem adulto vá escolher as estratégias de *coping* que melhor lhe permitam lidar com estes acontecimentos. No entanto, este dado não foi aqui constatado, a variável idade não se assumiu como significativa para a escolha de estratégias de *coping* para os nossos jovens adultos.

Relativamente à variável meio de residência constatamos a presença de resultados significativos na dimensão *Apoio Formal:* são os jovens que residem em meios medianamente urbano que mais recorrem a esta estratégia. Este resultado pode ser lido atendendo ao facto de, neste meio, o jovem estar afastado do *stress* e agitação de uma grande cidade mas, por outro lado, tem na mesma acesso a programas mais formais que se revelam muito importantes nesta etapa da sua vida, uma vez que, segundo Olson e colaboradores (1993), nesta fase, os jovens adultos estão mais interessadas em adquirir capacidade de *coping* em programas mais formais, isto é, no seio da sua comunidade. Pelo contrário, são os jovens adultos que residem em meios predominantemente urbanos que utilizam menos esta estratégia de *coping,* o que vai contra ao encontrado por nós na literatura, dado que neste meio são em número mais elevado os programas formais desenvolvidos na comunidade. No entanto, os resultados aqui encontrados apontam para a eventualidade dos jovens adultos não usufruírem dos mesmos.

De acordo com a literatura por nós consultada, as habilitações literárias parecem não influenciar a escolha das estratégias de *coping* preferidas pelos jovens adultos, o que, de facto, foi confirmado com este estudo.

No que concerne à influência muito significativa da variável religião na procura de *Apoio Espiritual*, e tendo em conta que a grande maioria da nossa amostra afirma ter uma religião (católica ou outra que não a católica), estes resultados já seriam esperados e vão de encontro à literatura por nós consultada. Segundo Barros (2000), a religião é uma das dimensões mais importantes da vida humana, na medida em que, o facto de o indivíduo ter uma religião influencia todo o sentido da vida e da morte, o modo como se encara o mundo e os homens, as alegrias e o sofrimento, o modo como se vive a vida familiar.

Relativamente à percepção da qualidade de vida, verifica-se que não existem diferenças significativas entre os jovens adultos do sexo masculino e as jovens adultas do sexo feminino, o que vem de certa forma confirmar os estudos que defendem que o género tem pouca influência na percepção

subjectiva da qualidade de vida (Olson *et al.*,1983). Excepção feita à dimensão *bem-estar financeiro*. Este resultado vai, também, de encontro ao que seria esperado pois, ao longo de todo o ciclo vital são os homens que mais se interessam pelo planeamento financeiro, e são também eles que percepcionam uma maior qualidade de vida em relação ao mesmo.

É interessante verificar que, a idade se assume como uma variável com efeitos significativos no que diz respeito à percepção da qualidade de vida familiar ao nível da *educação e vizinhança e comunidade.* No que respeita à *educação*, verificamos que são os jovens que estão agora, provavelmente, a acabar o seu percurso universitário com idades compreendidas entre 22 e os 25 anos, que percepcionam melhor qualidade de vida a este nível. O que pode ser compreendido pelo facto do jovem adulto ter ultrapassado um marco importante da sua vida, a universidade, daí o percepcionarem níveis elevados de qualidade de vida nesta dimensão. Pelo contrário, são os jovens adultos mais velhos com idades compreendidas entre os 25-28 anos que percepcionam níveis menores de qualidade de vida ao nível da *educação*, talvez porque estão num período em que, à partida, já terminaram os seus estudos.

Relativamente à *vizinhança e comunidade*, são os jovens adultos com idades compreendias entre os 22 e os 25 anos que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida a este nível. Os resultados podem ser lidos atendendo ao facto dos jovens adultos estarem, nesta fase, activamente envolvidos em explorar objectivos de carreira a longo prazo e em construir uma experiência profissional (Esteves, 1995). Os jovens adultos estão, também, nesta fase das suas vidas activamente envolvidos em construir o seu lar, e a sua família. Logo, estes estão activamente envolvidos nos seio na sua comunidade.

Trabalhando a variável meio de residência, encontramos resultados significativos no factor *vizinhança e comunidade*. São os jovens adultos que residem em meio medianamente urbano e predominantemente urbano que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida familiar. Tal não surpreende, dado que é nas cidades mais urbanas que existem melhores instalações recreativas, melhores serviços de saúde, melhores escolas, entre outras. Pelo contrário, em meios predominantemente rurais os jovens adultos não têm acesso a todas estas condições. Logo, como seria esperado, apresentam menores níveis de qualidade de vida nesta dimensão.

No que respeita às habilitações literárias, encontramos diferenças significativas no factor *bem-estar financeiro.* São os jovens adultos que possuem o 9º Ano que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida. O que se revelou um resultado bastante surpreendente pois, na nossa sociedade, regra geral, quanto mais habilitações literárias um jovem possui mais facilitado é o acesso a bons empregos e, consequentemente, melhores são as condições financeiras. Pelo contrário, são os jovens adultos com um curso superior que percepcionam níveis mais baixos de qualidade de vida no *bem-estar financeiro*, o que vai de encontro ao por nós encontrado na literatura, dado que na actualidade, os jovens adultos saem cada vez mais tarde de casa, em grande parte devido à continuação dos estudos.

Consequentemente, também a sua independência económica vai sendo adiada (Alarcão, 2006).

Ainda no que respeita à variável habilitações literárias, constatamos efeitos significativos na dimensão *família.* São os jovens adultos que possuem o 12º Ano que percepcionam melhor qualidade de vida nesta dimensão. Na nossa sociedade, o fim do 12º Ano é um marco importante, dado que é o momento em que os jovens adultos decidem ou prosseguir os seus estudos ou entrar no mercado de trabalho. Seja qual for a sua escolha, estes jovens sentem a sua família como um porto de abrigo relativamente às atribulações, desafios e realidades do mundo exterior (Zal,1992), o que justifica os resultados encontrados. Opostamente, são os jovens adultos que possuem um curso superior que percepcionam menor qualidade de vida na dimensão *família*, o que vai de encontro ao que encontrámos na revisão da literatura, uma vez que a vida universitária é a porta aberta para a tão desejada autonomia, onde os jovens adultos vão experimentar as suas potencialidades individuais, daí que estejam mais afastados dos pais, percepcionando, mesmo, níveis menos elevados de qualidade de vida (Zal, 1992).

Relativamente à variável religião, apurámos que esta tem uma influência significativa na percepção que os jovens adultos têm na dimensão *casa* e *relações sociais e saúde*. No entanto, e ao contrário do encontrado na literatura por nós consultada, são os jovens adultos que afirmam não ter uma religião que percepcionam melhor qualidade de vida nestas duas dimensões. Para o resultado *casa* não encontrámos nada na bibliografia que justifique este resultado. No que concerne à dimensão *relações sociais e saúde,* é inegável que a religião está de tal maneira integrada na vida dos indivíduos que seria impossível pensá-la de forma isolada em relação a todos os aspectos da vida social, até mesmo em situações de doença as pessoas que afirmam ter um religião sentem uma grande confiança nas suas crenças. As crenças religiosas são, assim, uma grande ajuda para lidar com acontecimentos da vida *stressantes* (Pinezi-Barbosa, 1999). No entanto, estes resultados não foram confirmados com o nosso estudo pois, como acima referimos, são os jovens adultos que afirmam não ter religião que percepcionam melhor qualidade de vida nesta dimensão.

Por último, um dado bastante curioso foi perceber que, tanto em termos de estratégias de *coping* como na percepção da qualidade de vida familiar, não existem alterações decorrentes de diferenças na variável nível socio-económico. Na nossa perspectiva, este é um dado positivo no sentido em que, este critério de índole socio-económica, não interfere com as estratégias para lidar com acontecimentos indutores de *stress*, nem na forma como os sujeitos percepcionam a qualidade de vida familiar. Tal pode ser compreendido à luz na literatura por nós encontrada pois, como vimos, na actualidade, os jovens adultos saem cada vez mais tarde de casa, em grande parte devido à continuação dos estudos ou devido ao difícil ingresso e permanência no mercado de trabalho (Alarcão, 2006). Previsivelmente, a sua independência económica vai sendo adiada e os jovens adultos vão permanecendo em casa dos seus pais.

Limitações do estudo e propostas para futuras investigações:

Uma limitação que ficou bastante patente ao longo deste trabalho diz respeito ao facto de a amostra ser relativamente pequena e com algumas características bastante particulares, que não nos permitem generalizar em resultados e conclusões.

Talvez não seja uma limitação mas, o facto de não termos encontrado na pesquisa bibliográfica estudos específicos com jovens adultos empobreceu um pouco o trabalho, na medida em as questões de investigação surgiram por inferências em função do ciclo de vida família e na mesma medida a compreensibilidade dos resultados ficou limitada.

Fica-nos a curiosidade de uma futura investigação, com mais sujeitos, que permitisse replicar este estudo, para verificar até que ponto os resultados obtidos são generalizáveis, já que a investigação realizada junto dos jovens adultos em Portugal é muito escassa.

Conclusões

Ao nível da revisão da literatura, podemos concluir que a ida para a Universidade, a entrada no mercado de trabalho, o casamento e a parentalidade se assumem como os elementos mais marcantes e, por isso também, mais *stressantes* da vida do jovem adulto pelas reorganizações e adaptações familiares a que obrigam.

A entrada para a Universidade é, de facto, o primeiro pé fora do ninho. Os anos passados no Ensino Superior são vistos como um período durante o qual os estudantes investem na sua autonomia e adquirem uma certa independência da família de origem. Estes ganhos ocorrem à medida que os laços com a família afrouxam e os pais passam a exercer menos influência nas atitudes e comportamentos dos jovens adultos, sem que haja ruptura com os laços afectivos e de apoio.

Acabados os seus estudos, segue-se um período de importantes decisões: a inserção no mercado de trabalho, o casamento, a construção de um lar e a parentalidade, apresentam-se como grandes empreendimentos de vida para os jovens adultos.

Neste período, embora o jovem adulto esteja a caminhar em direcção à sua independência, os pais e a família continuam a ser, para estes, portos de abrigo seguros onde estes se podem refugiar nas situações de maior dificuldade ou *stress*.

A forma como os jovens adultos lidam com estes acontecimentos indutores de *stress* e as estratégias de *coping* que usam vão influenciar, necessariamente, a percepção da sua qualidade de vida.

O nosso estudo mostra que apenas o nível socio-económico não

influencia nem a percepção de qualidade de vida dos nossos jovens adultos nem as estratégias de *coping* por estes utilizadas.

Constatamos, também, que são os jovens adultos do sexo masculino que percepcionam melhor *bem-estar financeiro*. Assim, a variável género parece apenas influenciar a qualidade de vida nesta dimensão, o que vai de encontro à literatura por nós consultada.

Concluídos os seus estudos, os jovens adultos estão preparados para desempenharem um papel activo na sociedade (Esteves, 1995). O que foi confirmado pelo nosso estudo, são os jovens adultos com idades compreendidas entre os 22 e os 25 anos que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida, tanto ao nível da *educação* como da *vizinhança e comunidade.*

No que respeita à variável meio de residência, apurámos que são os jovens adultos que vivem em meio medianamente e predominantemente urbano que apresentam níveis mais elevados de qualidade de vida na dimensão *vizinhança e comunidade.* Ora, tal facto, já seria esperado pois, são estas cidades que mais recursos têm ao dispor da sua comunidade.

Destacando a variável habilitações literárias, verificámos que esta influencia a percepção de níveis mais elevados de *bem-estar financeiro* para os jovens adultos que possuem o 9º Ano de escolaridade. Por outro lado, e ainda no que concerne à influência desta variável independente, constatamos que são os jovens com o 12º Ano que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida na dimensão *família.*

Apesar da grande influência da religião na nossa sociedade, apurámos com o nosso estudo, e ao contrário do que encontramos na literatura por nós consultada, que são os jovens adultos que afirmam não ter religião que percepcionam níveis mais elevados de qualidade de vida nas dimensões *casa* e *relações sociais e saúde.*

Reflectindo agora sobre a influência das variáveis independentes em estudo na forma como o jovem adulto escolhe as estratégias de *coping* a utilizar, constatamos que nem a variável idade nem a variável habilitações literárias influenciam o conjunto de estratégias utilizadas para se adaptarem a circunstâncias adversas.

No que respeita a variável género, verificámos que esta influencia apenas a estratégias de *coping Apoio Espiritual.* De facto, ao longo de todo o ciclo vital familiar, são as mulheres que mais ênfase dão a esta estratégia.

Relativamente ao meio de residência, apurámos que são os jovens adultos que residem em meios predominantemente urbanos que mais recorrem à estratégia de *coping Apoio Formal.*

Por último, e de acordo com o esperado, a variável religião influencia significativamente a procura de *Apoio Espiritual:*, são os jovens que afirmam ter uma religião que não a católica que recorrem mais a esta estratégia de *coping*, seguidos dos jovens que afirmam ter uma religião católica.

Bibliografia

Alarcão, M. (2006). *(des)Equilíbrios familiares: uma visão sistémica.* Coimbra: Quarteto (trabalho original publicado em 2000).

Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira D. R. (1998). O conceito coping: uma revisão teórica. *Estudos psicológicos, 3*: 273-294.

Boss, P. (2002). *Family stress management: A contextual approach*. London: Sage.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar.* 2ª ed., Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Canavarro, M.C.; Serra, A.V.; Pereira, M.; Simões, M.R.; Quintais, L.; Quartilho, M.J.; Rijo, D.; Carona, C.; Gameiro, S., & Paredes, T. (2006). Desenvolvimento do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica, 27*, 16-21.

Cohen, R. et al. (2006). Measuring Family Carrer Quality of Life. *Palliative Medicine, 20*, 755-767.

Esteves, A. J. (1995). *Jovens e idosos. Família, Escola e Trabalho*. Porto: Edições Afrontamento.

Fagulha, T., Duarte, M. E., & Miranda, M. J. (2000). A "qualidade de vida": Uma nova dimensão psicológica? *Psychologic, 25*, 5-17.

Ferreira, J. A. (1991). As teorias interaccionistas e o desenvolvimento do estudante do Ensino Superior. Revista Portuguesa de Pedagogia. XXV, *2*, 91-105.

Ferreira, J. A. (1993). A teoria da escolha vocacional de John L. Holland. Revista Portuguesa de Pedagogia. XXVII, *3*, 457-470.

Haley, J. (1991). *Leaving Home: quand le jeune adulte quitte sa famille*. Paris: ESF.

I. N. E. (1998). *Estatísticas Demográficas*. Lisboa: I. N. E.

I. N. E. (1998). *Tipologia de áreas urbanas.* Lisboa: I. N. E. e Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

Lazarus, R.S. (1985). *Stress and coping: An anthologie*. New York: Columbia University Press.

Martins, T., Ribeiro, & J., Garret, C. (2004). Actas do 5º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Qualidade de vida após acidente vascular cerebral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Maroco, J. (2007). Análise estatística com utilização do SPSS, 3ª edição. Lisboa: Edições Sílabo.

Mercier, C., Péladeu, N., & Tempier R. (1998). Age, gender and quality of life. *Community Mental Health Journal*, *34*, 487-500.

Mitchell, B. A. (2006). Changing Courses: The Pendulum of Family Transitions in Comparative Perspective. *Journal of Comparative Family Studies.* ProQuest Psychology Journals. 325- 344.

Monat, A. & Lazarus, R. (Eds.) (1985).*Stress and coping, an anthology* (2. ed). New York: Columbia University Press.

Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1998). *Family therapy : concepts and methods*. Boston: Allyn and Bacon.

Olson, D., & DeFrain, J. (2003). *Mariages and Families, intimacy, diversity and strengths*. New York: McGraw-Hill.

Olson, D. H., McCubbin, H.I., Barnes, H.L., Larsen, A. S., Muxen, M.J., & Wilson, M.A. (1983). *Families: What makes them work?*. Beverly Hills: Sage Publications.

Olson, D.H., McCubbin, H. I., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1985). *Family Inventories: inventories used in a national survey of families across the family life cycle*. St. Paul: Family Social Science, University of Minnesota.

Pell, K. (2004). *Relacionamento com filhos adultos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda.

Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.

Pinezi-Barbosa, A. K. P. (1999). *A família da fé em tempos modernos: uma interpretação sobre constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos.* Dissertação de mestrado, não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.

Porter, L. S., Marco, C., Schwartz, J., Neale, J. *et al*. (2000). Gender differences in coping: A comparison of trait and momentary assessments.

Journal of Social and Clinical Psychology, *19*, 480-498.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica.* Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, C., Teixeira, R., & Pereira, A. (2006). (Re)adaptações no jovem adulto. Contributos da psicologia positiva. Dissertação de Mestrado em Ensino Básico, 1º Ciclo, não publicada. Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal.

Serra, A. V. (1999) *O Stress na Vida de Todos os Dias*. Coimbra: Edições do Autor.

Simões, M. (1994). *Investigação no Âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.).* Dissertação de Doutoramento em Psicologia, não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.

Silva, S. (2003). *Adaptação académica, pessoal e social do jovem adulto ao Ensino Superior: contributos do ambiente familiar e autoconceito.* Dissertação de Mestrado, não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.

Toll, L. E. (1975). *Early and middle adulthood: The best is yet to be-maybe*. California: BrooKs/Cole Publishing Company.

Zal, M. (1992). *A geração sanduíche*. Lisboa: Difusão cultural.

Anexos

Anexo 1: Protocolo